

Entre Sussurros e Silêncios: as Passeatas Cívicas dos Grupos Escolares Sergipanos e a Ausência das Festas Republicanas nas Ruas (1923-1930)

Degenal de Jesus da Silva¹

Enter Whispers and Silences: the Civic Parades of Sergipeans School Groups and Lack of Party Republican in the Streets (1923-1930)

206



Resumo

O artigo pesquisa as festas cívicas em Sergipe realizadas nas ruas, entre 1923 a 1930. Neste intervalo temporal, aconteceu algo inusitado, e que, os historiadores sergipanos não se debruçaram a estudar: o declínio das comemorações republicanas nas ruas. Este estudo ganha relevância, principalmente, porque este fato começou no governo do Presidente do Estado Graccho Cardoso, considerado pela historiografia sergipana como um governante desenvolvimentista - e em especial na área da educação. Assim, o objetivo é examinar o percurso das festividades, tentando perceber os indícios deixados nas fontes sobre as formas de participação; indivíduos e instituições envolvidos nesses momentos de celebração; e, as representações utilizadas naquele momento histórico. Para tanto, utilizamos diversos documentos para que pudéssemos cruzar as informações, com o intuito de podermos lançar um novo olhar sobre esse período. Desta forma, utilizamos os conceitos: de Representações de Roger Chartier e do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg.

Palavras-chave: Festas cívicas. Primeira República. Representações.

Abstract

Article search civic parties in Sergipe held in the streets, between 1923-1930. In this time interval, there was something unusual, and that the Sergipeans historians pored studying: the decline of republican celebrations in the streets. This study becomes relevant, especially because this fact began under President Cardoso Graccho the President of the State, considered by sergipana historiography as a developmentalist - and especially in education. The objective is to examine the course of the festivities, trying to understand the clues left in the sources of the forms of participation; individuals and institutions involved in these moments of celebration; and the representations used in that historic moment. Therefore, we use various documents so that we could cross the information, in order that we can launch a new look at this period. Thus, we used the concepts: Representations of Roger Chartier and the indiciary paradigm of Carlo Ginzburg.

Keywords: Civic Parties. First Republic. Representations.

1 Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe e Professor da Rede Estadual de Ensino da Bahia.

Introdução

A quantidade de pesquisas contendo festas como objetos de estudo é um indicativo do avanço desse campo nas graduações e pós-graduações (*lato senso* e *stricto senso*) do país. Segundo Menezes, entre 1987 a 2007, houve 750 dissertações (mestrado) e 193 teses (doutorado) registradas no banco da Capes². Sendo que no decorrer desse período, a autora detecta um sensível crescimento das produções no decorrer das décadas. Levando-se em conta que o levantamento dos dados, feito por ela, refere-se a abril de 2009.

Em nosso caso, o que interessa, especificamente, são as pesquisas sobre festas cívicas e escolares. No Brasil, temos uma dezena de trabalhos relevantes, como os de: Circe Bittencourt, Marta Maria Chagas de Carvalho, Rosa Fátima de Souza, Marcos Levy Albino Bencostta, Renata Marcilio Cândido, Diana Vidal, entre outros³. Em sua maioria, transitam sobre o tema. Ou seja, não eram o objeto de pesquisa dos autores. Consequentemente, as comemorações aparecem no texto em segundo plano.

Com relação a Sergipe, temos dois pesquisadores que transformaram seus trabalhos de pós-graduações em livros: Crislane Barbosa de Azevedo⁴ e Magno Francisco de Jesus Santos⁵. O primeiro voltado para cultura escolar, perscrutando: as leis; os ritos de entrada e saída dos grupos escolares, realizados por cânticos; as festas escolares, entre outros. O segundo, trabalhou com a cultura material: as edificações das escolas graduadas. Tendo em alguns momentos discutido sobre as festas cívicas.

Entre artigos e capítulos de livros que debatem sobre as festividades cívicas e escolares, temos: Jorge Carvalho do Nascimento, em que afir-

- 2 MENEZES, Renata de Castro. "Tradição e Atualidade no Estudo das Festas": uma leitura de Saint Besse, de Robert Hertz. In: PEREZ, Léa Freitas; et. All (Orgs.). Festa Como Perspectiva e em Perspectiva. Rio de Janeiro/RJ: Garamond, 2012. p. 44.
- 3 Ver: BENCOSTTA, Marcos L. Albino. "Desfiles Patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971)". In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2006. p. 299-321; BITTENCOURT, Circe. "As 'Tradições Nacionais' e o Ritual das Festas Cívicas. In.: PYNSK, Jaime (autor e organizador). O Ensino de História e a Criação do Fato. Rev. e atual. - São Paulo: Contexto, 2009. p. 53-92; CÂNDIDO, Renata Marcilio. A Máquina de Festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930). São Paulo. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2012; _____. Culturas da Escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930). São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, 2007; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2006; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense, 1989; SOUZA, Rosa Fátima de. Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1889-1910). São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.
- 4 AZEVEDO, Crislane B. de. *Grupos Escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância*. Natal, Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, 2009.
- 5 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Ecossistema da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos. (1911-1926)*. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2013.



mou que a construção do sentimento patriótico deveria ser cultivada pela construção de heróis e pelo culto a bandeira nas comemorações⁶; Miguel Berger, compreende as festas como uma vitrine, um momento de “dar-se a ver”⁷, de mostrar o progresso na educação.

Como podemos perceber, é um campo de estudo que ainda carece de mais pesquisas. Pois, a produção existente mostra que vários objetos, dentro do assunto sobre festas cívico-escolares e escolares, demandam, por parte do historiador, incursões por temas inexplorados ou com poucos trabalhos realizados - tomemos como exemplo, as passeatas cívicas dos grupos escolares.

Assim, este artigo vem contribuir com o conhecimento histórico sobre uma das vertentes das festas cívico-escolares sergipanas na Primeira República: as passeatas cívicas. Pois, ao se debruçar sobre um objeto da história da educação, ele desvela um tecido mais complexo da sociedade daquele período. Em que não há homogeneidade ou regularidade na realização das festas.

Na elaboração deste trabalho, utilizamos a categoria de *representações* de Roger Chartier. Para ele, a construção social da realidade está fundada em *estratégias* que tendem a impor uma autoridade dos discursos à custa de outros, de como deve ser construída a representação de mundo na sociedade. Objetivando legitimar um projeto reformador, procurou-se *justificar* para os indivíduos ao qual se destinavam, as suas escolhas e condutas. Sendo dessa forma que as *representações* construídas do mundo social, aspiravam a uma universalidade baseadas na razão⁸.

Ademais, nesta pesquisa, utilizamos o método indiciário. Nele, o historiador é comparado a um detetive que vasculha os menores indícios na intenção de elucidar os fatos. Indo em busca de traços, marcas, pegadas como um caçador de vestígios, ou seja, como um investigador. Analisando para além daquilo que é dito, ir além do que é mostrado. Presta atenção nas evidências e não entende o real como transparente⁹.

- 6 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “A Escola no Espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no estado de Sergipe”. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2006.p.153-171.
- 7 BERGER, Miguel André. “Os grupos escolares e as festas para difusão da instrução e civilidade”. In: Revista do Mestrado em Educação. Vol.II. São Cristóvão: NPGED-UFS, 2005. p. 51-68.
- 8 CHARTIER, Roger. “Introdução”. In.:_____. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p.17. - (Memória e Sociedade).
- 9 GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In.:_____. Mitos, Emblemas, Sinais - morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.pp. 143-180.

Entre Passeatas Cívicas e Festas Republicanas

O que é a festa? Podemos classificá-la com precisão? Tal pergunta encontra diversos obstáculos, o que nos limita a afirmarmos sobre sua extensão e que objetos se enquadram nela, ou melhor, quais eventos podemos denominar como festa. Se podem ser alegres, tristes, solenidades as mais diversas, rituais políticos entre outros, muito disso depende do olhar do historiador e do acontecimento - num tempo e espaço determinado¹⁰.

Pois, um dos princípios que encontra certo consenso ou que seja menos criticado pode ser desconsiderado em algum momento, no intuito de realçar a peculiaridade histórica de determinada festividade. Tomamos como exemplo a comemoração de 08 de dezembro de 1924, em que o Presidente de Sergipe, o Sr. Graccho Cardoso, tornava público a celebração a Abílio Cesar Borges. Indivíduo que contribuiu nos estudos sobre educação e para a difusão, por sua vasta produção, a língua portuguesa. Tornando-se feriado em todo o país por ordem do Presidente da República, o dr. Epitácio Pessoa.

Feito comemorado apenas uma vez no período entre 1911-1930¹¹. Quebrando assim a afirmação de que o evento para ser uma festa, deveria ser recorrente, ou seja, cíclica¹². Mostrando que certos objetos de estudo na história não são muito afeitos a regras fixas. Afinal, elas sofrem a ação do homem no tempo e em determinado espaço ao sabor de certas circunstâncias.

Foram nessas irregularidades que os festejos cívicos ocorreram em Sergipe. Em *Dionísio Republicano: As Festas dos Grupos Escolares Sergipanos e os Outros Olhares (1911-1930)*, percebemos que antes de 1911 as festividades republicanas eram alvos de constantes reclamações ou ausência de comemorações. Restringindo-se muitas vezes a um ritual mais simples, como o hasteamento e descimento das bandeiras.

Desde a promulgação do decreto em que se tentou implantar um sistema de festas no país até a realização delas neste Estado, percebemos que não alcançaram os resultados esperados (1890-1910). Em diversos momentos não foram organizados tais eventos nas ruas, quando muito, resumiam-se a um breve hasteamento das bandeiras nas Instituições públicas. Ademais, não temos informação suficiente - por enquanto

- 10 Ver: DURKHEIM, Émile. "Capítulo VII - Origens dessas Crenças". In.:_____. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Tradução: Paulo Neves. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.235; AMARAL LUZ, Guilherme. "Festa Barroca?". In.: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Orgs.). *Festa como Perspectiva e em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. pp. 337-351.
- 11 SILVA, Degenal de Jesus da. *Dionísio Republicano: as festas dos grupos escolares sergipanos e os outros olhares (1911-1930)*. São Cristóvão-SE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 196.
- 12 Idem, p. 196.



– o que motivou as reiteradas declarações da apatia dos sergipanos para as questões cívicas e patrióticas¹³.

Neste cenário, vários indivíduos expunham suas críticas por meio da imprensa sergipana - isso quando não era o próprio jornal que o fazia. Conclamando a sociedade a participarem mais dos festejos: comparecendo e apoiando os eventos republicanos, legitimando, desta forma, os ideais difundidos nas comemorações que o novo regime mandava guardar¹⁴. Haja visto, que mesmo com o comparecimento de uma grande quantidade de espectadores, seus organizadores destacavam a frieza em tais momentos. Sobre quais critérios eles se fundamentavam para fazerem essa afirmação, não está explícito ou implícito na documentação.

Entre 1911 a 1916, as celebrações apresentavam maior regularidade nas festas cívicas de ruas. O auge dos eventos republicanos ocorreu entre 1917 a 1922. Depois desta data, as comemorações nos espaços urbanos declinaram abruptamente - ou seja, quase estagnaram. Se comparado aos anos anteriores, restringiram-se a um ritual por demais simplório: de hasteamento e descimento das bandeiras nos feriados cívicos¹⁵.

Dantes, a cidade toda se remexia e vinha assistir às ruas principaes e seu movimento incommun suscitado pelas comemorações cívicas ao dia; em que sobre-sahiam as forças militares em evoluções, e o desfile das escolas. etc. etc. [...]. Nada disso se faz. O governo, o tempo que dispõe, emprega unicamente em vender (quando não dá) o patrimônio do Estado [...]¹⁶.

Seu declínio aconteceu no governo do Presidente de Sergipe Graccho Cardoso. Logo após assumir a administração do Estado, as festas cívicas nas ruas cessaram. Algo contraditório, pois ele é considerado por muitos, inclusive pela historiografia sergipana, como um governante desenvolvimentista¹⁷. Sendo responsável por diversas construções públicas, voltadas principalmente na área de educação - a edificação dos grupos escolares -, que resvalavam em celebrações/comemorações.

Essa situação perdurou durante muitos anos. Atingindo, aliás, o sucessor de Graccho Cardoso ao governo do Estado, o Sr. Manoel Corrêa

13 Idem, p. 54.

14 OLIVEIRA, L. L. "As Festas que a República Manda Guardar". In.: Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v.2, n.4, p.172-189, 1989.

15 SILVA, Degenal de Jesus. Op. Cit. 2015. p. 54.

16 SERGIPE JORNAL. Anno VI, nº1417, Aracaju/SE. 08 de setembro de 1926. p. 2.

17 Ver: NUNES, Maria Thetis. História da Educação em Sergipe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984; BARRETO, Luiz A. Graccho Cardoso: vida e política. Aracaju: Instituto Tancredo Neves, 2003; AZEVEDO, Crislane Barbosa. "Reforma da instrução pública na década de 1920": o caso de Sergipe no governo Graccho Cardoso (1922-26). História, São Paulo/SP, v.34, n.1, p. 323-352, jan./jun. 2015; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos. (1911-1926). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.



Dantas. Assim, temos um período relativamente longo, em que não houve a realização das festividades cívicas nas ruas. Situação que teve início em 1923, na administração de Cardoso; alcançando, inclusive, o final do mandato do Presidente Dantas em 1930. Sendo que neste ano, há indícios que elas estavam retornando.

Ademais, no período em questão (1923-1930), percebemos o silêncio das autoridades sergipanas em tomarem medidas para que as comemorações acontecessem. O que motivava esse desinteresse, não sabemos as razões. Simplesmente, houve a omissão de dois Presidentes de Sergipe (Graccho Cardoso e Manoel Corrêa Dantas) para que elas voltassem a ser realizadas.

O último Presidente de Sergipe da década de 1920, não esboçou nenhuma preocupação ou reação frente as festas republicanas de ruas. Sua preocupação estava voltada, durante seu mandato, para a realização delas no interior dos estabelecimentos de ensino primário. Sendo que em 1927, o Sr. Corrêa Dantas, reforçava na Assembleia Legislativa, a importância das comemorações nacionais e estaduais nas escolas.

Entretanto, não existe nenhum indício na documentação sobre o porquê, e muito menos, discursos nos ofícios, decretos e regulamentos da instrução que faça qualquer referência as festividades organizadas no espaço urbano naquele período. Dessa forma, as autoridades sergipanas não foram as únicas a silenciarem frente a uma situação no mínimo inquietante.

Entre os que silenciaram, estava a imprensa sergipana. Sem as comemorações cívicas nas ruas, com a participação de várias escolas públicas e as diversas Instituições de Sergipe, os jornais voltaram seus olhares para o que era realizado nos outros entes federativos, a exemplo de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro¹⁸. Foi um período em que a sociedade sergipana teve que conviver com essa situação de desânimo pelos diversos setores sociais.

O que nos levou a concluir que o período de 1923 a 1929, encontrava-se em situação bem mais precária do que os anos anteriores a 1911. Nestes, havia comemorações e os indivíduos ou o próprio jornal posicionava-se quanto aos diversos assuntos referentes as celebrações republicanas: a frieza dos espectadores; a falta de regularidade da realização das festas; o incentivo ao civismo e a conclamação de um maior número de indivíduos nos festejos.

18 SERGIPE JORNAL. Anno V, nº1226, Aracaju/SE. 25 de novembro de 1925. p. 1; SERGIPE JORNAL. Anno IX, nº2045, Aracaju/SE. 16 de novembro de 1928. p. 1-2; CORREIO DE ARACAJU. Anno XVII, nº40, Aracaju/SE. 20 de novembro de 1923. p. 1.

No período em que estagnaram (1923-1928)¹⁹, as vozes silenciaram. Os sergipanos apenas tomavam conhecimento delas pelos hasteamentos das bandeiras quando aconteciam ou pelas notícias nos jornais de sua realização nos outros Estados. Não havia pronunciamentos ou manifestações de indivíduos na imprensa e nem notas emitidas pelos próprios jornais - com exceção de uma única nota no *Sergipe Journal*, de 08 de setembro de 1926.

Esse marasmo dos festejos cívicos nas ruas, não foi uma ocorrência, apenas, de um momento da história da Primeira República em Sergipe. José Veríssimo, no jornal *O Liberal do Pará*, já alertava para a falta de fervor cívico-patriótico. Segundo ele, no Brasil Império, as grandes datas nacionais passavam-se despercebidos, quase esquecidos, “[...] o povo vê-a passar todos os annos com um indifferentismo glacial”²⁰.

No ano seguinte a Proclamação da República (1889), foi decretada as festas que deveriam ser comemoradas. Nesse ato do governo, José Veríssimo demonstrou otimismo para com a realização delas de forma regular²¹. E apelou para que, “não os deixemos cair logo em desuso, como na monarquia”²². Posteriormente, ele se decepcionou com o regime republicano.

No caso de Sergipe isso pode ser demonstrado. Desde o Decreto nº 155 B de 14 de janeiro de 1890, que sancionou os festejos republicanos, a ocorrência delas variou no Estado. No percurso até 1930, encontramos quatro fases: 1) 1890 a 1910, momento em que elas aconteciam de forma irregular, com notas nos jornais acusando os sergipanos de expressarem um baixo fervor cívico-patriótico, além de não ter a participação ativa das escolas públicas; 2) 1911 a 1916, os estabelecimentos de ensino começam a participarem de forma ativa, embora continuem as reiteradas reclamações da frieza dos indivíduos para com as comemorações. 3) de 1917 a 1922, o auge dos eventos cívicos, quando as comemorações eram realizadas com muita pompa, com a participação de diversas instituições e cessam as reclamações sobre a frieza da sociedade sergipana para com as festas cívicas; 4) de 1923 a

19 Nesse período (1923-1928) as comemorações nas ruas estagnaram. Em 1929, teve uma celebração com a participação de diversas escolas, embora Manoel Corrêa Dantas, afirmasse que foram duas. Ver discussão em: SILVA, Degenal de Jesus da. *Dionísio Republicano: as festas dos grupos escolares sergipanos e os outros olhares (1911-1930)*. São Cristóvão-SE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, 2015. E em 1930, pelos indícios que temos, elas ressurgiram no espaço urbano.

20 VERÍSSIMO, José. “Aos Domingos”. *O Liberal do Pará*. Anno XI, nº 9, Belém/PA. 12 de janeiro de 1879.

21 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. “Decreto nº 155 B de 14 de janeiro de 1890”. In.: OCTAVIO, Rodrigues. *As Festas Nacionais*. F Briguiet&C Editores, 1893. p.265.

22 VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. 4º ed. Rio de Janeiro/RJ: Topbooks; Belo Horizonte/MG: Puc-Minas, 2013.
VERÍSSIMO, José. “A Educação Nacional”. In:_____. *A Educação Nacional*. 4º ed. Rio de Janeiro/RJ: Topbooks; Belo Horizonte/MG: Puc-Minas, 2013, p. 83.



1930²³, quando as elas praticamente estagnaram, tornando-se apenas um evento de hasteamento de bandeiras. Com exceção de algumas instituições, os jornais silenciaram. Não houve reclamações - de indivíduos ou dos próprios jornais - sobre o marasmo das celebrações²⁴.

Ou seja, no percurso apresentado, ela demonstrava está se tornando complexa. Exigindo a participação de uma gama maior de instituições e indivíduos envolvidos na sua execução e participação. Sendo que nos dias comemorativos, arrolavam sujeitos de diversos lugares e classes sociais. Talvez por isso, e também pela grandiosidade em que eram organizados tais eventos, não foram ouvidas, naquele período (1917-1922), aquelas vozes dissonantes que gritavam sobre a frieza dos sergipanos nos eventos republicanos.

Passado esse momento de auge, as festas cívicas na urbe continuaram. Muito embora, anteriormente, eram vários estabelecimentos de ensino que marchavam no espaço urbano. Posteriormente, só vamos ter informações de comemorações de ruas através das passeatas cívico-escolares. Uma escola, uma passeata²⁵. Se comparada aos anos anteriores, a forma como era realizado esse evento, naquele momento, as batidas das bandas de música e o marchar dos grupos escolares, assemelhavam-se à sussurros nas ruas.

Mesmo assim, deveriam ser como espelhos da sociedade a ser formada. As passeatas cívicas eram organizadas para apresentarem os resultados da educação no Estado. As festas, entretanto, mais do que mostrarem, era uma forma pedagógica - estratégica - de incutir nos indivíduos, especialmente, os discentes e ao público em geral, comportamentos, hábitos, gestos e as palavras de ordem (civismo e patriotismo).

Elas foram organizadas para tornarem-se espetáculos, sedutoras, agradáveis aos olhos, despertando sentimentos de negação com algumas práticas utilizadas em sociedade. Tal sensação de vergonha ou coerção deveria gerar nos alunos e seus pais um autocontrole que os fizessem se volverem ao trabalho; culto aos heróis; obediência as autoridades do Estado que ali se faziam presentes - hierarquia; e defenderem a pátria quando fosse necessário, entre outras coisas. Forjar o cidadão e formar a nação exigia entrega total dos indivíduos aos ideais do regime republicano.

23 Em 1929, foi realizada uma comemoração nas ruas, mas entendemos que não foi o suficiente para afirmarmos sobre o retorno das festas cívicas e cívico-escolares. Pelos indícios encontrados, elas começaram a ganhar força a partir 1930. Ver: SILVA, Degenal de Jesus da. *Dionísio Republicano: as festas dos grupos escolares sergipanos e os outros olhares (1911-1930)*. São Cristóvão-SE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, 2015.

24 SILVA, Degenal de Jesus da. "Considerações Finais". In:_____. *Dionísio Republicano: as festas dos grupos escolares sergipanos e os outros olhares (1911-1930)*. São Cristóvão-SE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 2017-218.

25 Em alguns casos, há notícias da união de duas escolas realizando passeatas cívicas. Mas esta situação era muito rara.



Ao tentaram impor, por meio dos festejos, uma sociedade idealizada em Sergipe, distanciavam-se da vida real. Elas não podem ser analisadas como espelhos de certo período, trazendo à tona o cotidiano e a relação dos indivíduos no meio social. Longe de ilustrar a cultura de determinado período e espaço, contrariavam seus elementos e dela se destacavam, forjando uma imagem idílica a ser construída²⁶.

Sendo que os lugares privilegiados para tais encenações eram as ruas e praças das urbes sergipanas. Paralelamente nesse período, a partir de Aracaju, as cidades passavam por um processo de remodelação de seus espaços. Com a realização das passeatas cívicas das escolas no Estado, tais cenas vieram reforçar os novos comportamentos e hábitos que deveriam ser gestados em tais ambientes.

O que haveria de vigorar numa cidade que passava por transformações, objetivando se tornar civilizada seria a erradicação de certo contexto, existente bem antes de 1911 e que atravessou o Período Imperial: prostituição, vadiagem, roubo, furtos etc. Entretanto, não se destinavam apenas a lugares de passagem ou de recreações. Haveriam de ser lembradas e usadas para práticas civilizadas dos cidadãos republicanos, como festas cívicas, comemorações, celebrações, passeatas cívicas, homenagens entre outras.

Para que isso acontecesse, os festejos não poderiam cair em desuso como nos tempos da monarquia²⁷. Naquele momento, elas estavam sobre a égide das escolas isoladas do Império. Em tais estabelecimentos de ensino, não se poderiam ter nem uma educação cívica e nem uma preparação para satisfazer as necessidades da vida ou para desempenhar as funções sociais que a República impunha. Eram muito deficitárias para conseguirem construir e legitimar as práticas e representações que o novo regime idealizava²⁸.

Segundo Mona Ozouf, as festas seriam como uma dócil maquinaria, pronta para ser montada e desmontada “[...] num abrir e fechar de olhos, tendo em vista as necessidades da causa”²⁹. Pois, quantos sejam os propósitos políticos tanto eram as comemorações a serem organizadas. Sendo que para a autora nem todas seriam iguais. Haveriam uma tipologia: festas revolucionárias, contestatórias, de desregramento entre outros. E mesmo semelhantes, poderiam esboçar intenções antagônicas de seus organizadores³⁰.

26 DUVIGNAUD, Jean. “Introdução”. In.:_____. Festas e Civilizações. Tradução e Nota Introdutória: L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. p. 32.

27 VEIGA, Cynthia Greive. “Educação Estética para o Povo”. In: LOPES, Eliane Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 Anos de Educação no Brasil. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 414.

28 CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A Escola Modelar”. In.:_____. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense, 1989.p. 24-25.

29 OZOUF, Mona. “A Festa Sob a Revolução Francesa”. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novos objetos. Tradução: Terezinha Marinho; revisão técnica: Gadiel Perruci. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976, p. 224.

30 Idem, p. 220.



Contudo, com a construção dos grupos escolares em Sergipe, as comemorações nas ruas oscilavam entre momentos de euforia (1917-1922), de certa regularidade (1911-1916) e de quase estagnação (1923-1930). Assim, compreendemos que a afirmação de Mona Ozouf, foi exagerada, hiperbolizando a festa a uma mera montagem facilmente realizada por seus organizadores. Ao fazer isso, acabava desconsiderando os vários fatores que poderiam influir em sua organização, como: conflitos políticos, econômicos, sociais, o próprio interesse do público sobre tais festejos.

Na situação em que as comemorações em Sergipe estavam, o Sr. Manoel Corrêa Dantas, transformava, segundo seu projeto, a escola de ensino primário - principalmente os grupos escolares - no principal instrumento de execução dos ideais republicanos. Ao fazer isso, pesava sobre seus ombros a construção de representações (conhecimentos escolares) e práticas civilizadas (hábitos, costumes, gestos etc.) a serem ensinadas e legitimadas por meio das festas cívico-escolares e escolares.

Foi nesse contexto que a comemoração realizada no Grupo Escolar Olympio Campos, em 7 de setembro de 1927, aconteceu. Depois de várias solenidades e atividades com a participação dos alunos, a escola preparava-se para invadir as ruas. Pois, à tarde, esse estabelecimento de ensino fez uma passeata cívica, acompanhada de uma banda de música local, juntamente, com a Escola Tobias Barreto que se incorporou ao desfile³¹.

Por conseguinte, na ausência de comemorações em que havia a participação de várias escolas sergipanas, tais empreendimentos tornavam-se da competência dos professores e diretores dos grupos escolares (1923-1930). Doravante, competiam-lhes planejar e executar os festejos. O que possibilitou que gozassem de certa liberdade para escolherem se as festas nas escolas graduadas seriam mais simples ou mais elaboradas, seguidas ou não, de passeatas cívicas nas ruas da cidade.

Na prática, embora sutil, representava a transformação em um dos objetivos da festa. Pois, em um primeiro momento, temos diversas escolas encenando o progresso da instrução em Sergipe; em outro, haviam escolas organizando as comemorações de forma particular. Neste caso, mais do que representarem o desenvolvimento do ensino primário, mostravam a importância da Instituição escolar que a realizava. Possibilitando também adquirir visibilidade tanto na localidade como em nível estadual, os grupos escolares que as organizassem, principalmente, para fora de seus muros, por meios das passeatas cívicas³².

31 Offício Enviado ao Diretor da Instrução Pública pelo Diretor do Grupo escolar Olympio Campos, padre Arthur Alfredo Campos, Aracaju/SE. 08 de setembro de 1927. p.1.

32 Idem.



Considerações Finais

Ao fim de nossa análise, percorremos os caminhos trilhados pelas passeatas cívicas no Estado. Antes dos grupos escolares em 1911, eram realizadas, geralmente, com a ajuda de certos indivíduos ou Instituições privadas. Entre 1911 a 1922, foram frequentes sua inclusão nas festas organizadas pelo Governo com a participação de vários estabelecimentos de ensino; e por fim, depois desta data, voltavam as ruas de forma individual: uma passeata cívica, uma escola. Para finalmente, a partir de 1930, surgir indícios que as comemorações cívicas estavam voltando.

Desse modo, compreendemos que os alunos dos grupos escolares no Estado exerciam paralelamente dois papéis. Eram forjados pelas festas cívico-escolares, e aqui especificamente nas passeatas, ao mesmo tempo em que contribuíam para a construção de uma representação de civilidade. Sendo que coube aos professores, diretores dos grupos escolares e discentes, darem prosseguimento - entre 1923 a 1930 - as grandes festividades cívicas de ruas organizadas no passado, mesmo que fossem apenas uma lembrança do que já foram.

